

Narrativas de mulheres pescadoras

Narratives of women fishermen

DOI:10.34117/bjdv8n12-231

Recebimento dos originais: 14/11/2022

Aceitação para publicação: 21/12/2022

Indiamara Hummler Oda

Doutoranda em Sociologia

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Endereço: Rua XV de Novembro, 1299, Centro, Curitiba - PR, CEP: 80060-000

E-mail: indiaprof1963@gmail.com

Marlene Tamanini

Pós-Doutorada pela Universidade de Barcelona

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Endereço: Rua XV de Novembro, 1299, Centro, Curitiba - PR, CEP: 80060-000

E-mail: tamaniniufpr@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho demonstra o processo de construção de um caminho teórico e metodológico como formador da pesquisa e da definição de suas relações. Demonstra aspectos de como ocorreu a aproximação com as entrevistadas por meio da entrada em campo da primeira autora. Apresenta as circunstâncias e as reflexões teóricas suscitadas pela revisão de literatura, o que levou a definição dos objetivos e das principais indagações, bem como permitiu construir a percepção de quais caminhos teóricos deveriam ser assumidos na constituição desta tese. Apresentamos como foi essa construção que é parte do fazer pesquisa, tomando a necessidade de pensar como as mulheres marcam seu lugar e se conectam com a pesca, com o local de trabalho, com as redes, o peixe, os saberes e os significados. É de relevância acadêmica visibilizar que a escolha pela respectiva temática foi motivada pelas falas de mulheres pescadoras da comunidade pesqueira artesanal. Em outras palavras, estamos construindo entradas teóricas e metodológicas que buscam compreender quem são e como se narram essas mulheres pescadoras; desejamos manter as narrativas que se voltem às suas experiências no universo da pesca. Nós as visualizamos como sujeitos, a partir de parâmetros que focam sua agência em suas práticas, e, isto implica um olhar que não as subalterniza e que dê importância aos conteúdos de suas narrativas e à performance que as expressa na qualidade de pescadoras.

Palavras-chave: experiência, pesca, mulheres, performance.

ABSTRACT

This paper demonstrates the process of building a theoretical and methodological path as the formator of the research and the definition of its relations. It demonstrates aspects of how the approach to the interviewees occurred through the first author's entry into the field. It presents the circumstances and the theoretical reflections raised by the literature review, which led to the definition of the objectives and the main questions, as well as allowed to build the perception of which theoretical paths should be taken in the

constitution of this thesis. We present how this construction, which is part of doing research, took on the need to think about how women mark their place and connect with fishing, with the workplace, with the nets, the fish, the knowledge, and the meanings. It is of academic relevance to make visible that the choice for the respective theme was motivated by the speeches of fisherwomen from the artisanal fishing community. In other words, we are building theoretical and methodological inputs that seek to understand who these fisherwomen are and how they narrate themselves; we want to keep the narratives that focus on their experiences in the universe of fishing. We view them as subjects, from parameters that focus on their agency in their practices, and, this implies a look that does not subordinate them and that gives importance to the contents of their narratives and the performance that expresses them as fisherwomen.

Keywords: experience, fishing, women, performance.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho demonstra o processo de construção de um caminho teórico e metodológico de aproximação à pesquisa com mulheres pescadoras no litoral do Paraná. Visa dar voz aos passos estabelecidos para uma aproximação primeira que almeja à compreensão da experiência vivida no cotidiano das vidas das mulheres, que ao se considerarem pescadoras, revelam uma contraposição aos estereótipos de gênero, tais como normalmente são apresentados em estudos da área, marcados por concepções estruturalistas e das teorias dos papéis sexuais. Os estudos deste contexto do mar e da pesca, quando enfocados em mulheres como o são os de Alencar, (1991); Motta-Maués (1999); Cardoso (2002); Gerber (2013) demonstram que há uma carência para a análise das questões das relações de gênero, na produção acadêmica brasileira quando referida às comunidades pesqueiras e, em relação às atividades da mulher enquanto pescadora, cuja predominância dessa atividade se faz presente na figura masculina. Nestes contextos específicos, os respectivos trabalhos focados na relação terra e mar, conforme demonstrou nossa revisão de literatura, refletem sobre a mulher enquanto participante da atividade pesqueira. Eles o fazem a partir de diferentes abordagens, seja os voltados à divisão sexual do trabalho (WOORTMANN, 1992), ou aos aspectos que enfatizam espaços geográficos que supõem diferentes recursos, condições e tipos de pescarias realizadas pelas mulheres, cujos enfoques voltam-se para informações sobre as atividades das mulheres pescadoras (MELLO, 2012). Muitas vezes estas análises são marcadas com aspectos fixos e de oposição entre o masculino e o feminino, abordagens que tem extrema relevância para mostrar a desigualdade, mas que deixam de fora a agência das mulheres em suas práticas, mantendo as construções de imagens, de

representações e de sentidos pousadas na linearidade entre a biologia intocável e a cultura como construção, conforme bem analisados por Nicholson (2000), ou mantêm as ideias sobre a universalidade da dominação sem serem colocadas as tensões e as relações que vão para além das estruturas. O aspecto da universalização já foi desnaturalizado em textos da área dos estudos de gênero de um período teórico importante, dos anos 70 e 80, citamos alguns tais como Ortner (1996), que neste contexto, revê sua posição marcada pela separação natureza e cultura, no modo como ela havia escrito em Ortner (1979). Piscitelli (1997) que oferece importante reflexão a respeito dos conceitos de sexo e gênero e de como as construções acadêmicas a respeito deles guardam ambivalências. Cita-se igualmente, o clássico texto de Rubin (1998), no qual a autora faz fundamental reflexão a respeito do sistema sexo-gênero mostrando como a sexualidade não esta relacionada com a genitalidade anatômica. Ao inaugurar a definição do sistema sexo-gênero, categoria lançada por ela em 1975, ela define a sexualidade “como um conjunto de acordos sobre os quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais são satisfeitas” (RUBIN, 1998, p. 17). Responde a subordinação, mostrando a necessidade de desvelar a parte da vida social que é o locus da opressão das mulheres. Posteriormente, em entrevista à Butler (2003), quando esta autora aborda sobre as restrições à sexualidade serem mais persistentes que aquilo que podemos mudar através da transformação das relações sociais e de parentesco, levantando o questionamento de que talvez exista algo intratável, talvez exista algo mais persistente, Rubin indaga e comenta sobre o que seria intratável e persistente no teor dessa discussão que desencadeia as restrições à sexualidade “[...] seria algo na própria natureza da estrutura do cérebro e na forma como cria a linguagem?”[...] “ Isso de alguma maneira torna necessária a existência de um masculino e um feminino?”(RUBIN, 2003, p.165). Nesse sentido, ela aponta ser algo intrinsecamente problemático quando se considera que a linguagem ou a capacidade de adquiri-la requeira uma diferença sexual enquanto diferença principal. Para Rubin (2003), os valores sexuais têm um imenso peso simbólico. A idéia de que o sexo é uma força natural que existe anteriormente à vida social e que molda as instituições, substancia-se de um essencialismo sexual que é incorporado no saber popular das sociedades ocidentais, as quais consideram o sexo como eternamente imutável, a-social e transhistórico. Contrapondo-se a esse pensamento, na continuidade de seus argumentos, atribui que a sexualidade tem sua política interna, desigualdades e modos de opressão. Ademais, os conflitos de interesse e manobras políticas,

deliberadas e incidentais em que consistem as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar, asseguram que o sexo é sempre político.

Estes estudos dentre diversos outros, marcaram importantes e fundamentais argumentos e análises e, a partir deles abriu-se caminho para a revisão da própria teoria feminista de gênero trazendo preocupações focadas na experiência, na narrativa e com preocupações marcadas pela diferença dentro da diferença. Neste contexto as teorias construtivistas da diferença, a partir das análises que também assumem as teorias do ponto de vista, trouxeram discussões fundamentais a respeito dos tipos de construcionismos no contexto das teorias feministas da ciência, relativas ao androcentrismo, patriarcado, sexismo e ideologias de gênero como o faz Longino (2008), ou no campo da sexualidade como o faz Fausto-Sterling (2002). Ainda se muitas autoras como Harding (1986) não tivessem como proposta a ruptura em relação às teorias existentes a teoria feminista “desnaturalizou” todo o âmbito da experiência social das mulheres, que durante muito tempo, não se configurou como objeto de interesse acadêmico. A proposta era e segue sendo a de multiplicar os sujeitos que interatuem entre si dentro da academia, da ciência, na sociedade, e de trazer outros elementos para além da razão iluminista, do positivismo científico ou de abordagens novas e recentes, mas que seguem negando-se a incorporar a perspectiva de gênero, fazendo apenas concessões aqui e ali.

Estas novas perspectivas também delinearão caminhos mostrando a necessidade de considerar interseccionalidades (KYRILLOS, 2020) e contextos específicos, como é a forma de atuar das teóricas feministas em geral. Assim, é importante considerar o que diz Lugones (2014) para os estudos decoloniais, mas que bem serve aqui. As marcas da diferença precisam se manter na tensão com as coalizões, para que não sejam englobadas, invisibilizadas, e para que, sobretudo, sejam marcas de diversidade e não de oposição, díade e complementaridade (TAMANINI, QUAGLIATO, 2022; TAMANINI, KESTERING, QUAGLIATO, 2022).

O caminho que buscamos nesta tese, a diferença destes estudos do mar e da pesca já citados e outros como (SACKS, 1979, TABET, 2005, SCOTT, 1994) que fazem análises etnográficas de cunho teórico estruturalista, marxista e ou históricas de perspectiva foucaultiana, leva em conta um contexto específico do litoral do Paraná e se foca na experiência das mulheres como sujeitos, portanto, as mulheres não são apenas subalternizadas nos processos de gendrificação, conforme estruturados por enfoques teóricos que tem o grande mérito de mostrar as construções culturais das relações de

gênero e de sua desigualdade na estruturação das relações entre sexo e gênero, como o é, com as teorias do patriarcado, mas que por vezes, perdem o lugar da narrativa e da experiência como um sentir e um fazer de si frente às exigências da vida cotidiana (LEITE, TAMANINI, 2022).

Este nosso lugar teórico feminista se define epistemicamente como parte das teorias situadas e, portanto, do ponto de vista (HARDING, 1986), preocupadas com o empoderamento das mulheres. Esta perspectiva pensa o “lugar de fala”, as especificidades das condições sociais que constituem as relações de poder entre diferentes grupos; a variedade de métodos desconstrutivistas; a variedade de olhares teóricos e políticos; a arbitrariedade de olhares e cujo foco se volta à reflexividade à experiência (FURLIN, 2014).

Evidentemente, esta posição não elimina as questões do mercado (FRASER, 2001), a estruturação dos estigmas e dos estereótipos na cidade, no mercado e nas relações sociais locais, mas além destes aspectos estruturais o que aqui apresentamos é como foi o caminho desta construção que é parte da construção dos caminhos desta tese, tomando a necessidade de pensar como as mulheres marcam seu lugar e se conectam com a pesca, com o local de trabalho, as redes, o peixe, os saberes, os significados.

Neste sentido o processo de construção deste trabalho foi sendo produzido e é descrito aqui, como o caminho que nós fomos percebendo à medida do fazer, sob o desafio da reflexão teórica e de sua apropriação, concomitante ao contato com o campo de pesquisa e às reflexões em sala de aula, frente aos processos de orientação da tese e de muitas idas e vindas com as definições dos focos do trabalho; sabendo que a cada mudança de foco no campo, a exigência teórica também pode mudar.

Compreender como estes aspectos da agência das mulheres se implicam com o analisar, desafia a olhar sua vinculação com a instituição de processos de gendrificação na família, na cidade, no mercado e as suas pertencas culturais. Implica-se com o perceber as possíveis barreiras e as dificuldades, ou possibilidades advindas das relações de gênero e se conecta com a exigência de perceber como as mulheres pescadoras do litoral do Paraná, se performatam na qualidade de pescadoras.

Percebemos, portanto, que era necessário escutar o elas fazem e dizem de si e o que elas acionam para dar conta de construir o seu lugar (sala e espaço, camarão, sustento e cuidado, o valor do trabalho com o camarão que lhes dá autonomia, sustento, vida, dignidade, solidariedade em relação às demais mulheres).

Como elas instituem sua agência no cuidado do entorno, no cuidado do alimento, no cuidado da renda, no cuidado geracional (filho, neto, a rede comunitária, natureza), o que definem como sendo “isso é minha vida”.

Elas se fazem “senhoras” de sentidos e de práticas e engendram performances relativas ao seu trabalho, sua vida e sua família, ao pescado e ao mercado para se constituírem como pescadoras e para ganhar o reconhecimento como tal. Estão, portanto, dentro e fora de representações estereotipadas a respeito do masculino e do feminino como diria Lauretis (1984) e ou SPIVAK (2010), ao se perguntar se o subalterno pode falar. Essas mulheres fazem parte da comunidade pesqueira – pesca artesanal, no município de Matinhos, no litoral do Paraná, e trabalham no Mercado de peixe do respectivo município. As funções que as mulheres realizam está voltada a descascar e limpar os camarões; filetar os peixes e vender estes produtos no mercado de peixe.

2 METODOLOGIA

Dito isto é preciso ter presente que este texto no seu conjunto está discutindo metodologia, mas o faz de modo específico quando conta o caminho da construção do trabalho desta tese. Neste sentido não é um artigo sobre conclusões e sínteses de pesquisa, questão que se faz no final de um trabalho acadêmico, ou quando se tem escritos amadurecidos a respeito de algo que se investiga. Buscar amadurecer ideias para publicar é fundamental porque a construção de uma tese segue se revisitando e sendo desenhada a cada conversa, a cada ida a campo e a cada novo desafio, com o intuito de construir e explicar as categorias necessárias à análise cujos conteúdos vem do campo de pesquisa e possibilitam dar respostas aos objetivos. Logo, falar da metodologia neste trabalho, na temporalidade em que ele se encontra, é falar do processo das aproximações com o campo, das definições dos focos e de mais do que um dos seus afazeres, é precisar objetivos. Assim abrir caminhos para entender as relações com os conteúdos das narrativas, as quais fornecem respostas para o que foi pensado como foco e como indagações e como objetivo geral e específicos. É preciso lembrar, contudo, que estes sentidos de aproximação e de enfoques não são realizados de uma vez por todas. Cada ida a campo e o que ela traz de conteúdo pode obrigar a indagar a teoria com novos elementos e às vezes até obriga a repensar os objetivos. Ir a campo, às vezes para um primeiro contato, conforme se fez, permite a organização das condições de coleta posterior e da análise de dados relevantes para a

pesquisa. Isto implica em considerar que dados são relevantes, que conversas devem ser estabelecidas, com quem se deve e se precisa conversar, quando é pertinente conversar em função dos objetivos; como usar os meios e os recursos com parcimônia e reflexão engajada. Considere-se que o plano de trabalho varia de acordo com os objetivos e todos estes pontos só fazem sentido frente a um problema de pesquisa (DESLAURIERS, KERISIT, 2008), o que exige revisão de literatura.

Para circunscrever as condições deste processo, no dia 15 de maio de 2021, a primeira autora realizou a primeira entrevista com cinco mulheres pescadoras. Vivenciou conversas com elas, que perduram o dia todo acompanhando o conteúdo do seu trabalho no mercado, na função de limpar o camarão. Devido a intensa correria rotineira na parte da venda dos peixes e do camarão, foram apenas cinco mulheres que, neste dia, conseguiram falar com a primeira autora e lhe conceder uma entrevista. Nesse primeiro contato, houve interação com precisamente dez mulheres, durante todo o dia, desde 8h00 às 18h00, como parte da observação participante (CICOUREL, 1980).

Foram vivenciadas e compartilhadas suas experiências no tocante ao universo da pesca referente ao trabalho que realizam e que também contribui para manter as especificidades de uma comunidade pesqueira artesanal. Por intermédio desse encontro, às narrativas das mulheres, despertaram indagações e deram ênfase para o início da construção da respectiva pesquisa. Essas primeiras entrevistas estiveram inseridas no fazer observação participante que ao se estruturar também na forma de entrevista, utiliza o seu conhecimento de significados conseguidos através da participação na ordem social das coisas que se está estudando e que segundo Cicourel (1980), poderá ter o mínimo sucesso garantido pelo fato de que lida com o mesmo sistema simbólico dos seus entrevistados.

No seguimento, que se volta à uma perspectiva analítica de gênero a partir de uma abordagem feminista, intenciona-se metodologicamente desenvolver uma pesquisa qualitativa. Segundo Briceño-León (2003, p.157), “[...] Toda a ciência é qualitativa, no sentido que pretende estabelecer uma qualidade a um objeto de estudo ao reproduzi-lo ou reconstruí-lo, ao explicá-lo ou compreendê-lo”. Desse modo, o propósito é aprofundar um estudo no que tange as significações, as motivações, as aspirações, as dinâmicas, as crenças e os valores visando interagir com os sujeitos que compõem o objeto a ser investigado. Com um enfoque hermenêutico que vai além das observações dos fatos, este estudo aspira mais do que olhar uma cena de fora, envolve elementos de interpretação. É preciso interpretar, é preciso entrar por dentro daquilo que se quer compreender.

Ultrapassar a observação dos contextos históricos, das circunstâncias históricas, conforme estruturadas para pensar como elas são narradas e mergulhar, por intermédio de análises, nos significados que estão presentes nas experiências das mulheres. Assim, busca-se perceber o lugar de fala das pescadoras e, partindo desse propósito, este estudo procura dar voz às mulheres e, a partir de suas narrativas, trazer à tona como essas mulheres constroem as suas possibilidades de agência.

3 DESENVOLVIMENTO

Para avivar o que expomos e possibilitar um melhor entendimento deste, compartilhamos parte de algumas falas das entrevistadas:

Entrevistada 1: As mulheres que estão aqui na colônia, que fazem parte da colônia, só por elas desembarcarem as canoas, tirarem as redes das canoas, venderem o peixe, elas não deixam de ser as pescadoras só porque elas não vão para o mar com a canoa.

Entrevistada 2: Sou pescadora. Sou aposentada pela pesca. O trabalho aqui é de pescadora. Então, a gente aqui, é uma comunidade, isso aqui é muito bom. Pra quem entende, isso aqui é muito bom pra nós.

Entrevistada 3: Eu sou nascida aqui, caíçara mesmo. Eu cresci aqui, já trabalhei de tudo aqui. Meu vô era pescador. O marido dela, meu tio, era pescador também, aqui é

tudo em família. Eu não tenho carteira de pescadora, mas a pesca pra mim, é o ganha pão nosso.

Entrevistada 4: Nós também estamos trabalhando com a pesca. Não é só quem vai lá na água que é pescador, é o geral. Trabalha com o pescado aqui né, é pescadora também.

Entrevistada 5: Eu falo orgulhosamente, eu sou mãe de pescador, mulher de pescador e eu sou pescadora, vô de pescadora e eu amo a minha profissão. E quero que meus netos sigam essa profissão. Porque é muito bom.

Surge então, a exemplo dessas e das demais falas que substanciam as entrevistas e que refletem o “sou pescadora” as questões que direcionam o aprofundamento desse estudo. Na construção do que se pretende, nossas indagações foram se delineando: 1. Os sentidos e as práticas por elas construídas e que as instituem como pescadoras, permitem repensar um caminho para as mulheres que esteja reconectando à construção de perspectivas de direito, de autonomia relativas a sua vida cotidiana e de um cuidado de si e dos outros no qual elas se instituem como mulheres pescadoras, com capacidade reconhecida por elas e pela comunidade local? 2. Como esse lugar que elas ocupam e experimentam na pesca a partir de suas narrativas, faz emergir novos saberes a respeito destes contextos e como elas se inserem nesta realidade da pesca, se em condições de

motivações e de realidade positivada para os sentidos que elas constroem referentes a sua vida familiar, as gerações, as relações econômicas locais, sociais e culturais do seu entorno, do seu trabalho, do seu corpo e de suas relações? 3. Ou seu lugar e inserção está marcado por processos de gendrificação relativos ao masculino e feminino com marcadores tão poderosos de um lugar social e pessoal subjetivado, como de menor valor a ponto de não deixar espaço para que elas existam como pessoas, em seus corpos, em sua sexualidade, vida e trabalho? 4. Essas narrativas destas experiências podem abrir caminho para a percepção de outras dinâmicas fora da antiga divisão sexual do trabalho e enriquecer os estudos de gênero por meio de novas construções de sentidos advindas da forma como essas mulheres se constroem na qualidade de mulheres pescadoras e de como elas se constituem a partir deste lugar em sujeitos, se elas se narram em termos da sua importância social e familiar? 5. As mulheres pescadoras tradicionalmente são narradas como constituídas por experiências subalternizadas, como elas sentem essas experiências? 6. E a partir dos conteúdos das suas narrativas seria possível repensar um possível avanço crítico para os campos teóricos, apontando que é factível um processo de desconstrução e de resignificação de discursos, de relações e de práticas cristalizadas?

Entre a formulação das perguntas e a espera em encontrar as respostas, ou avivar caminhos que possam nos aproximar de respostas, para produzir relações compatíveis com a produção do conhecimento quanto aos significados, está a necessária escuta das experiências que as mulheres pescadoras têm para relatar. Nesse movimento, o objetivo geral se delineou com o intuito de compreender a se a experiência das mulheres pescadoras situadas na pesca artesanal, na cidade de Matinhos, no litoral do PR, são gendrificadas, se os processos de resignificação de si para elas próprias como sujeito e grupo, e frente a comunidade local acontecem, bem como analisar os conteúdos por elas relatados no que tange a sua performance como mulher pescadora frente aos saberes e às necessidades cotidianas de sua vida quando inserida na pesca, na família, na relação com os homens pescadores, no cuidado, nos direitos e na relação com seu corpo e sua sexualidade. Desde a construção mais geral e que também dialoga com a teoria, os objetivos específicos foram assim visualizados. a) compreender esta experiência narrada e situada a partir da pesca visibilizando significados que poderiam constituir seu lugar na pesca, suas motivações, seus sentimentos, como percebem as questões de gênero, e o lugar dos seus direitos (advindos das relações de gênero, divisão sexual do trabalho, estereótipos de gênero, questões ligadas ao corpo); b) analisar se as relações por elas experimentadas e se suas estratégias são de superação de conflitos, de estigmas, e de

ressignificação de si em relação a elas próprias como pessoa e como grupo e frente a comunidade local, se elas engendram em sua agência processos de decolonialidade da vida; c) compreender também como elas se performatam na qualidade de pescadora. O que elas fazem? O que elas acionam? (sala e espaço, camarão, sustento e cuidado, o valor do trabalho com o camarão que dá autonomia, sustento, vida, dignidade, solidariedade.)

4 INTERAÇÃO ENTRE A PESQUISA DE CAMPO E OS REFERENCIAIS TEÓRICOS

Diante dessa perspectiva, abrimos um parêntese para referenciar algumas leituras cujos escritos serão de muita relevância para o presente trabalho. O contexto das análises, segundo Linda Alcoof (1991-1992), traz o problema de falar pelos outros e, este é um ponto que assume um lugar de ênfase na relação de como pensar a interpretação no tocante à narrativa e à construção do trabalho com as mulheres pescadoras. Falar pelos outros pode afetar o significado e a verdade como aproximação de realidade, a respeito do que se diz, no sentido de autorizar ou desautorizar o discurso de alguém. Ler os escritos de Linda Alcoof foi um alerta que obriga a ter muito cuidado no desenvolver das práticas e análises em pesquisa, para não incorrer no erro de transformar uma pesquisa científica em um trabalho arrogante, vaidoso, antiético e politicamente ilegítimo e pior sem os sentidos que as pessoas de fato narraram.

A leitura de Gayatri Spivak (2000) “Pode o subalterno falar?” nos coloca do lado oposto da autoridade que a ciência chama para si frente ao uso exclusivo de técnicas sem as vozes e nos diz que é fundamental pensar questões como: Quem é o subalterno? Pode o intelectual falar pelo subalterno ou em seu nome? O intelectual pode dar voz ao sujeito subalterno silenciado? Diante da impossibilidade de fala do subalterno, qual a atitude do intelectual que pretende se colocar no campo contra-hegemônico? Tomando como referência as preocupações centrais da autora: a agência dos assim chamados sujeitos subalternos, e o papel do intelectual ao tentar representá-los, transpomos essas preocupações para a esta pesquisa, a agência das mulheres pescadoras e o lugar das pesquisadoras ao tentar analisar suas narrativas, considerando o cuidado supracitado ao referirmo-nos a Linda Alcoof.

Ainda sobre a questão de agência, os escritos de Archer (2000) ressaltam que o problema central ao se teorizar sobre agência diz respeito a como conceituar o agente humano como alguém que é parcialmente formado por sua socialidade, mas que também tem a capacidade de transformar parcialmente sua sociedade. O entendimento dessa

teorização, voltada ao agente humano, deve dar conta das relações com o ambiente natural, prático e social. Dito de outra forma, devem ser relações concebidas como constitutivas de quem somos. Para a autora, quem somos é uma questão voltada a tudo com que mais nos importamos e nos torna seres morais. É a expressão de nossas identidades. Nesse sentido, Archer salienta sobre a importância no tocante à noção de experiência da realidade, em que consiste compreendermos que a maneira como o mundo é tem um efeito regulativo, tanto naquilo que fazemos dele, quanto naquilo que ele faz de nós.

Em relação ao que fazemos do mundo e o que o mundo faz de nós, as análises de Foucault (2000) nos levam a pensar sobre os instrumentos que permitiram ao sujeito conhecer o mundo e se relacionar com ele, e, conseqüentemente, por intermédio dessa relação entre linguagem e sujeito, conhecer a si mesmo. A atenção está para a forma como Foucault (2000), pensa o sujeito do conhecimento, não a partir de sua verdade, mas no domínio de suas práticas históricas e nos próprios processos nos quais esse sujeito nunca cessou de se transformar. Transpondo essas análises para o teor desta pesquisa, estas possibilitaram uma maior reflexão, dentre outros momentos, o de desenvolver dos objetivos específicos. Como, por exemplo, à análise das relações experimentadas pelas mulheres pescadoras no mundo da pesca e das suas estratégias, buscando o entendimento se estas são de superação de conflitos, de estigmas e de ressignificação de si em relação a elas próprias como pessoa e como grupo.

Lauretis (1984) ao analisar o conceito de experiência, ressalta a crucialidade desse conceito na medida em que está diretamente relacionado aos temas da subjetividade, sexualidade, corpo e da atividade política feminista. Esta reflexão, remete-nos a pensar sobre o processo de construção contínua da subjetividade como compromisso pessoal e subjetivo nas atividades, discursos e instituições que dão importância e sentido do valor, do significado e do afeto que pode estar envolvido nestas atividades que as mulheres desenvolvem.

Dessa forma, segundo a autora, o fim do processo é inatingível ou diariamente novo. Para a compreensão do conceito de experiência, Lauretis (1984) ressalta uma discussão crítica sobre o conhecimento internalizado que cria o sujeito como feminino a partir da repetição secular e cotidiana de ações, impressões e significados constituindo relações aceitas como certas ou necessárias. Seguindo com a intenção de dar visibilidade às mulheres pescadoras em um universo em que a hegemonia masculina dita as regras

subordinando-as à “obscuridade”, torna-se gritante o quão importante é, no desenvolver desse aprendizado, mergulhar nos estudos de Butler (2010).

Quando as falas dos pescadores, nas supracitadas entrevistas, enfatizam que o corpo da mulher não aguenta o peso das redes e que esse mesmo corpo não resiste à friagem do mar, e, por tal, é atribuído à mulher as funções de “descascadeira”, de “fileteira”, enquanto papéis secundários que elas não estão “à altura” para serem consideradas como pescadoras; estabelecem, de forma clara, os limites coercitivos da construção social e cultural de gênero. A complexidade dessa discussão é imensurável. Abrem-se possibilidades de repensar significados como, também, intensificam-se os olhares de repulsa às “insanidades” que foram dogmatizadas como verdades.

No desvendar dessas verdades dogmatizadas, é que nos reportamos às análises de Butler (2010), as quais desmistificam o caráter social de estruturas que se deleitam nas diferenças entre “machos e fêmeas” consolidando-as como naturalizadas, a saber: o gênero, o corpo, o sexo. No decorrer de suas análises, a autora propõe-se a historicizar o corpo e o sexo, dissolvendo a dicotomia sexo x gênero. Argumenta, nesse sentido, que em nossa sociedade estamos diante de uma “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais. Dessa forma, o “papel” do gênero seria produzir a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina etc. É todo um discurso que leva à manutenção da tal ordem compulsória, e cabe ao conceito de gênero a legitimação dessa ordem, na medida em que seria um instrumento expresso principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social. Nesse contexto, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução e coloca as mulheres em lugares de subordinação.

No âmbito desses limites coercitivos, o corpo aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais e, com a mesma intensidade, as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade. Para dar um fim a essa lógica que tende à reprodução, Butler (2010), destaca a necessidade de subverter a ordem compulsória, desmontando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo, sugerindo uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Ao considerar que a construção do

que temos como homens não derivaria exclusivamente de corpos masculinos e, em seu contrário, o termo mulheres não se aplicaria apenas em inscrições em corpos femininos, traz à tona o alerta de que a contextualização cristalizada por uma performance realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária não pode ser atribuído a um sujeito, visto que na realidade é fundador e consolidador do sujeito. Ou seja, o gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo "mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes" (BUTLER, 2010, p.29). A exemplo desses, dentre outros referenciais, é que no contexto da pesquisa que se pretende aprofundar, as provocações de ideias voltadas aos questionamentos de Butler, vão, em diferentes momentos, alicerçar pensamentos que resgatem o respeito no que tange a forma de perceber e interpretar o/a outro/a.

Questões políticas que refletem sobre a visibilidade dessas mulheres pescadoras, instigaram antropólogas a desenvolverem pesquisas etnográficas sobre esta temática como, por exemplo, Alencar, (1991); Motta-Maués (1999); Cardoso (2002); Gerber (2013), conforme já citado. Esta tese, a diferença destes trabalhos, leva em conta um contexto específico do litoral do Paraná e, se foca na experiência, nos processos de gendrificação e na performance desenvolvida por estas mulheres para se constituírem como pescadoras e para ganhar o reconhecimento como tal.

5 CONCLUSÃO

No presente momento da pesquisa a dedicação está voltada para outras leituras que são necessárias no tocante à temática deste estudo. Cada leitura se coloca como um desafio para repensar a própria teoria e repensar a autoria e o vínculo com a pesquisa. Igualmente abre campos reflexivos para significar e interpretar sobre o vínculo que pode ser estabelecido entre as teorias e as falas das mulheres pescadoras, as quais refletem as experiências de vida no universo da pesca. Nesse movimento de uma relação dialógica entre as pescadoras e as teorias, as constatações reflexivas que substanciam a intenção de pesquisa na construção dessa tese, "abraçam" também a experiência da primeira autora deste texto com seu campo de tese.

A agência das suas ações enquanto doutoranda, se estendem para ao seu aprendizado; enquanto pesquisadora, e lhes agregam sentido e imbricação com o contexto, com as mulheres e com suas atividades na pesca. Este entrelaçamento produz a construção do conhecimento, entendendo que a pesquisa não se faz sobre, mas

com os sujeitos-pessoas-agentes que constituem o estudo. Na relevância desses movimentos, há a possibilidade de romper a separação entre ciência e senso comum. Referimo-nos ao propósito de se debruçar a produzir conhecimento científico a partir das experiências e do cuidado vivido no cotidiano das vidas dessas mulheres pescadoras, visando a conexão entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento cotidiano. O proceder desses momentos tende, da mesma forma, a se conectar e impulsionar a novas vivências enquanto pessoas e pesquisadoras, por intermédio da inter-relação que acontecerá na concretude do ouvir e do observar as referentes ações das pescadoras. Considerando, nesse sentido, que a construção de um estudo com as mulheres pescadoras passará a fazer parte de nossas histórias, particularmente, da primeira autora, que mantém forte contato com elas, e com a orientadora que apreende sentidos deste contexto, como também passará a fazer parte da história das mulheres pescadoras.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna F. **Pescadeiras, Companheiras e Perigosas**: Um Estudo sobre a Pesca Feminina em Lençóis. 186 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1991;

ARCHER, Margaret S. REALISMO E O PROBLEMA DA AGÊNCIA, PPGS - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 2, n. 6, p. 51-75, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/issue/view/2603>>. Acesso em: 27 nov. 2022;

ALCOFF, Linda. **The Problem of Speaking for Others**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991-1992;

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERGER, Paulete;

MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Maria Helena de Andréa. **O clássico e o novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2003. p. 157 -183;

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;

CARDOSO, Denise Machado. **Mulher, Pesca e Ambiente**. Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. set. 2002;

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em Pesquisa de campo. In: GUIMARAES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves Editora S. A . 1980. p. 87-121;

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KERISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: VVAA. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 127-153;

FAUSTO - STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 9-79, 2002;

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (Org.) **Democracia hoje**: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Editora UnB, 2001. p. 245-282;

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000;

HARDING, S. **The Science Question in Feminism**. Ithaca: Cornell University, 1986;

FURLIN, Neiva. **Relações de gênero, subjetividades e docência feminina**: um estudo a partir do universo do ensino superior em teologia católica – 2014. 386 f. Tese

(Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014;

GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o mar** [recurso eletrônico]: pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil / Rose Mary Gerber. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2021;

LAURETIS, Teresa de. Semiótica y experiencia. In: _____. **Alicia ya no: feminismo, semiótica, cine**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1984. p. 251-294;

LEITE, Tayná Kalindi Limpas Vieira da Rocha, TAMANINI, Marlene. A REFLEXIVIDADE NA MATERNIDADE APEGADA: NARRATIVAS DE SI E DO CUIDAR EM DISPUTA. SILVEIRA, Jader Luís da. **Coletânea Real Conhecer: Multidisciplinar** - 2022. v. 3, p. 16-33. ISBN: 978-65-86013-04-7, v. 3, DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.6346769>;

LONGINO, Helen E. **Epistemologia feminista**. In: GRECO, John; SOSA, Ernesto. (orgs). **Compêndio de Epistemologia**. São Paulo: Edições Loyola, p. 505-545, 2008;

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set.-dez. 2014;

KYRILLOS, Gabriela M.. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n.1, p. 565-569, 2020;

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE, UFSC, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-4, 2000;

MELLO, Carolina de Andrade. **Tipos de trabalho da mulher na pesca do Litoral do Paraná**. 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Sistemas Costeiros e Oceânicos) - Centro de Estudos do Mar - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Pontal do Paraná, 2012;

MOTTA-MAUÉS, M.A. **Pesca De Homem/Peixe De Mulher (?)**: Repensando Gênero Na Literatura Acadêmica Sobre Comunidades Pesqueiras No Brasil. *Etnográfica*, 1999. v. 3, n. 2, p. 377-399.
Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-400 .pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-400.pdf). Acesso em 26 nov. 2022;

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997. p. 49-66;

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** 3. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2010;

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise. **A mulher a cultura a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120;

ORTNER, Sherry B. (1996): **Making Gender**: The Politics and Erotics of Culture, Boston: Beacon Press, 1996. p. 173-180;

RUBIN, Gayle. El Tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo. In: NAVARRO, Marysa; STIMPSON, Catharine R. (compiladoras). **Qué son los estudios de mujeres?** México/Argentina/Brasil/Colombia/Chile/Espana/EUA/Per/Venezuela: Fondo de Cultura Economica, 1998. p.15-74;

RUBIN, Gayle. “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade”. In: **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 01-88, 2003;

RUBIN, G., BUTLER, J. Tráfico sexual – entrevista. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 157–209, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644617>. Acesso em: 2 nov.2022;

SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: **História das Mulheres, Século XIX**, (Org.) Georges Duby e Michelle Perrot, sob a direção de Arlete Farge e Natalie Zemon Davis, São Paulo: Edições Afrontamento, Ebradil, 1994. v. 3, p. 443 – 475;

SACKS, Karen. Engels Revisitado: a mulher, a organização da produção e a propriedade privada. In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise. **A mulher a cultura a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 185 -231;

TABET, Paola. Las manos, los instrumentos, las armas. In: CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules (orga). **El patriarcado al desnudo**: tres feministas materialistas Collete Guillaumin, Paola Tabet, Nicole Claude Mathieu. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005. p. 57-129;

TAMANINI, Marlene; QUAGLIATO, Henrique Valério. Uma Voz Diferente e as diferenças em meio ao vozerio: Gilligan revisitada à luz da teoria feminista. IN: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. Dossiê especial**, “Uma voz diferente’: contribuições, desdobramentos e o legado das ideias de Carol Gilligan (1936-)”. Volume 14 Número Especial/2022, ISSN: 1984-1655. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/about>. Acesso em 26 nov.2022;

TAMANINI, Marlene.; KESTERING, Virgínia Therezinha . O trabalho culinário doméstico como cuidado: as experiências, sentimentos e percepções de risco em tempos de pandemia. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 15, p. 298-316, 2022;

WOORTMANN, E. F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras do nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 18, p. 41-60, fev. 1992.